



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**QUINTINA CÂNDIDA MARNA LETÍCIA RACHEL CROCCO  
PACCINI**

**(depoimento)**

**2005**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-86

**Entrevistado:** Quintina Cândida Marna Letícia Rachel Crocco Paccini

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Karine Dalsin

**Data da entrevista:** 14/01/2005

**Transcrição:** Karine Dalsin

**Conferência Fidelidade:** Karine Dalsin

**Copidesque:** Marco de Carvalho

**Pesquisa:** Marco de Carvalho

**Fitas:** (01 fita) 86/01-A e 86/01-B

**Total de gravação:** 60 minutos

**Páginas Digitadas:** 18

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 02099/2009/01

**Número de registro da fita:** 02099/2009/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

PACCINI, Quintina Cândida Marna Letícia Rachel Crocco. *Quintina Paccini (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2009.

## **Sumário**

Início do envolvimento com a ESEF; apoio da família; perfil dos alunos, dos professores; período como professora da Escola: disciplinas que ministrou, métodos de avaliação, relacionamento com os alunos; exercícios físicos e a mulher; estruturação da ESEF; cargos que desempenhou na Escola; alterações no currículo; práticas que as mulheres não podiam fazer na Escola; período da ditadura militar; processo seletivo para entrada na Escola; projetos de extensão; fatos pitorescos.

Porto Alegre, 14 de janeiro de 2005. Entrevista com Quintina Cândida Marna Letícia Rachel Crocco Paccini, a cargo da entrevistadora Karine Dalsin, para o projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Quintina, eu gostaria que tu começasses contando como iniciou o teu envolvimento com a ESEF<sup>1</sup>?

Q.P. - Quando era criança, gostava muito de exercício. Naquele tempo, havia poucas possibilidades para uma criança, hoje em dia há clubes e centros onde as crianças podem praticar, mas naquele tempo não havia. A única coisa que havia era circo e eu adorava ir a circo e procurava sempre reproduzir aqueles movimentos que eu via no circo, como paradas, cambalhotas, etc. Então eu sempre gostei desse movimento. Mas tirei o curso de professora primária, naquele tempo chamavam... Quando terminava o curso, era de três anos e chamavam aluna-mestre, e eu tirei esse curso e deveria... Havia uma lei que exigia que a professora em primeiro investimento fosse para uma zona rural e o meu pai era italiano e achou que eu não poderia ir trabalhar em zona rural. Então fiquei sem ter o que fazer e, nessa ocasião, saiu no jornal que havia esse curso, me inscrevi, mas nem sabia que era para ser professora. Me inscrevi porque gostava e então, nessa ocasião, todos esses que trabalhavam em desporto, também se inscreveram. Eu era completamente leiga no assunto e tive que conviver com esses atletas e campeões.

K.D. - Mas tu tiveste apoio da família para fazer o curso de educação física?

Q.P. - Sim, tive. Unicamente que o meu pai exigia que o meu calção fosse até o joelho e me ameaçava que ele iria à Escola ver se eu tinha encurtado o calção. Então, durante a aula, enrolava as pernas, mas tinha sempre que ir com os calções até o joelho, porque se de uma hora para outra o meu pai aparecesse, eu deveria puxar o calção. Outra coisa também, que o maiô era de lã e ainda tinha uma saia por cima e até o... Eu tenho até uma fotografia com o diretor de ensino que, naquela época, era o Coronel Moreira<sup>2</sup>. Também tinha o maiô com alça.

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> João Gomes Moreira Filho

K.D. - Quanto ao perfil dos teus colegas da ESEF, em maioria eram mulheres que cursaram a primeira turma?

Q.P. - Mas tinha bastante homem! Tinha uns quarenta homens. A maioria sim, eram mulheres. Agora, os professores, eram todos homens, de mulher só tinha a Dona Lia Bastian Maier<sup>3</sup> que, era de ginástica rítmica, e uma professora de educação física que, agora já não me recordo do nome. Ela trabalhou uns dois ou três anos e faleceu há muitíssimos anos.

K.D. - E a senhora saberia descrever o...

Q.P. - Os professores eram quase todos militares, porque só havia Escola de Educação Física do exército. Então foram convidados os professores militares. Um que me dava educação física era o professor Moreira. Ele nos tratava como se nós fossemos homens. Podia chover e, às vezes, a pista tinha poças de barro, mas não interessava. Se tinha que deitar, deitava na poça de barro, porque ele achava que isso era bom para a disciplina.

K.D. - Mas, em geral, as turmas eram divididas...

Q.P. - As turmas eram divididas em várias turmas e para educação física todas faziam ao mesmo tempo. A educação física geral, era toda ela... Nós cantávamos o hino primeiro e depois saía cada professor com sua turma e dava aquela primeira aula. Depois cada um seguia o seu itinerário. Uns iam para desporto, outros para a aula teórica, mas, a primeira aula, era de educação física geral. Todos na mesma pista, só que em setores diferentes.

K.D. - Isso permaneceu pelo tempo que a senhora permaneceu na Escola?

Q.P. - Não. Mais tarde foi mudando, mas, o primeiro momento, foi esse. E cantavam o hino na arquibancada e depois dividia-se a turma, cada professor apanhava a sua turma.

K.D. - Mas para a parte prática das aulas, não tinha uma divisão por sexo, das meninas...

---

<sup>3</sup> Eliane Clotilde Bastian Meyer Schmitz

Q.P. - Ah, sim! Nunca houve aulas mistas. Enquanto eu estive na Escola, durante trinta e oito anos, não houve aula mista. Era aula prática e, os professores que davam aulas para os rapazes, não davam aula para as moças e, as professoras, a não ser as aulas teóricas, mas aulas práticas eram só professoras mulheres. Mais tarde, nos primeiros anos, os professores eram os militares, como eu já falei.

K.D. - Quando formou a primeira turma, que era a senhora, a Olga<sup>4</sup>, a Iula<sup>5</sup>, vocês entraram como professoras da Escola?

Q.P. - Não! Entramos [toca o telefone] como alunas. Ninguém, como professora.

K.D. - Entraram em 40 como alunas, se formaram, em 42 se tornaram...

Q.P. - Fomos contratadas. Isso!

K.D. - Como foi essa transição?

Q.P. - Fomos contratadas como professoras. Nos primeiros anos era convite. Então essas professoras que você falou agora, eram... Essa Olga era muito boa em desporto, a Iula também. Então elas foram convidadas para trabalhar. E eu também fui convidada, mas não era boa em nada.

K.D. - E foi professora de ginástica geral?

Q.P. - Sim! Eu fui contratada porque os primeiros lugares ficaram na Escola, as outras foram para o Instituto de Educação que era o estabelecimento aqui no Estado que pagava melhor. Pagava uma percentagem a mais para os professores e eu fiquei em primeiro lugar para ser nomeada. Então uma das razões foi essa e a outra razão foi porque eu... O professor considerava que eu tinha ótimo estilo de natação. Foi o professor de natação que me indicou.

---

<sup>4</sup> Olga Valéria Kroeff Echart

<sup>5</sup> Iula Maria Green Hervé

K.D. - E como era essa disciplina que a senhora ministrava na Escola, a ginástica geral?

Q.P. - No início era só o método francês. Então nós tínhamos recebido na Escola esse método e tudo girava em torno do método francês. Os professores de história faziam críticas aos diversos métodos que existiam até então e tínhamos adotado aqui o método francês. Quando nós começamos a trabalhar, a aula era sobre este método francês. Durante bastante tempo, permaneceu este método, até que um professor chamado Inezil Penna Marinho, do Rio de Janeiro<sup>6</sup>, fez lá um método que chamaram... Esse Inezil Penna Marinho era uma espécie, acho que de inspetor, e, o diretor da Escola do Rio de Janeiro, era um professor chamado Lira<sup>7</sup>. Fizeram o método chamado método eclético. Fomos convidadas para assistir essas aulas e ele tinha apanhado um pouco de cada método e colocado... Métodos existentes... E colocado nesse método eclético. E no final do... Foi colocado isso num congresso e no final nós ficamos de trazer para os Estados. Nós deveríamos colocar em prática para ver se dava “ibope”<sup>8</sup>. Mas eu já estava fazendo isso. Quando esse professor, Inezil Penna Marinho, veio a Porto Alegre<sup>9</sup>, assistiu a minha aula e ficou muito bravo perguntando quem tinha permitido fazer esse método e fomos obrigados a voltar para o método francês. Isso foi durante mais alguns anos, até que mais tarde... Cursos e cursos, porque um professor tem que permanente se atualizar. Eu me atualizava em São Paulo<sup>10</sup>. E, em São Paulo, anualmente ele dava cursos de educação física. Um ano era em Santos<sup>11</sup>, ele chamava professores estrangeiros, e um ano era em São Paulo<sup>12</sup> e eram os professores do próprio Estado. Esse curso estava aberto a qualquer professor. Então, quando era em Santos, nós íamos nos abeberar dos conhecimentos em São Paulo, na cidade de Santos. Assim que tirei vários cursos e aos poucos fui dando métodos diferentes para as alunas. Dava ginástica calistênica para as alunas, dava ginástica sueca que era muito... Inicialmente a ginástica sueca era muito rígida, depois os professores suecos trouxeram uma ginástica bem moderna, exercícios balançados, abarcava todo tipo de exercício. Tinha uma parte de ginástica olímpica na ginástica sueca. Tinha uma introdução, depois exercícios balançados, mas os exercícios abrangiam todo corpo, braço, perna,

---

<sup>6</sup> Capital do Estado do Rio de Janeiro

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>8</sup> Termo utilizado como sinônimo de ser reconhecido, tornar famoso, neste caso

<sup>9</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>10</sup> Estado Brasileiro

<sup>11</sup> Cidade do Estado de São Paulo

<sup>12</sup> Capital do Estado de São Paulo

laterais, abdominais e só depois que se começava com os exercícios nos aparelhos. E nós dávamos... O aluno, posteriormente, saía com conhecimento de todos métodos existentes na época e eu, ultimamente, dava ginástica corretiva. Então tinha feito ginástica, fazia cursos para ginástica para senhoras e ensinava na Escola ginástica corretiva, para desvios de coluna e tudo mais.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

K.D. - Sobre a avaliação?

Q.P. - Inicialmente o... Me parece que não havia. A exigência era que apresentassem o trabalho que estavam executando. Então a maioria dos professores, alunos, professores, eram alguns que já trabalhavam há anos. Foi uma forma de ajustar esses... Então muitos davam já aulas, outros eram atletas, outros eram campeões. Todos esses se matricularam, puderam se matricular. Mas em julho havia um exame, um exame teórico bastante difícil e quem não passou neste... Botaram até apelido de carro de [palavra inaudível]. Quem não passasse neste exame, caía fora e assim a maioria desses professores que não tinham a infra-estrutura, eles tiveram que sair. Então ficaram poucos, se eu não me engano, ficaram cento e poucos. Formaram-se, nesse ano, noventa e dois, parece. Esse ano foi muito difícil. As aulas eram pela manhã e a tarde e havia vários locais. Inicialmente as aulas teóricas eram na João Pessoa<sup>13</sup>, numa garagem, e todos tínhamos que nos acomodar ali. Como éramos muitos, algumas meninas falavam e riam e quem era diretor de ensino era o professor João Gomes Moreira Filho. Ele estava acostumado só a lidar com soldados. Então ele não podia admitir isso e colocou umas classes ao contrário das habituais. Ali chamava-se 'berlinda'. Quem conversasse ia para a 'berlinda' e assim houve uma turma que permaneceu na 'berlinda' todo tempo.

K.D. - E quando a senhora foi professora, como era a relação da senhora com os seus alunos?

---

<sup>13</sup> Avenida do Centro de Porto Alegre



Q.P. - Ah, sempre foi maravilhosa! Em trinta e oito anos que trabalhei na Escola, nunca houve um atrito, adorei trabalhar e acho que as minhas alunas me adoravam, pelo fato que eu sempre dava aula com muito entusiasmo, porque era uma coisa que eu adorava fazer.

K.D. - Dos seus alunos assim, da época que a senhora foi aluna, depois se tornou professora e ficou na Escola durante muitos anos. A senhora vê alguma mudança no perfil das pessoas que procuravam a Escola de Educação Física? A senhora percebe alguma mudança nos alunos, no objetivo deles virem à Escola? Se no início era para se tornarem professores ou se tinha mais atletas, ou se tinha menos?

Q.P. - Não sei se é impressão minha, mas parece que no nosso tempo os alunos eram muito entusiasmados e eu tenho a impressão que eles iam pelo gosto, como eu. Pelo gosto que tinha pelo exercício, pelo desporto e, atualmente, eu acho que vão mais pela facilidade de entrar na Universidade. Não sei se estou fazendo uma injustiça.

K.D. - A senhora poderia dizer que a ESEF, em algum momento, foi a sua segunda casa?

Q.P. - Posso dizer que foi sim. Eu só vivi para casa e para Escola e a quantidade de certificados que eu possuo, mostra isso. Eu vou te mostrar, eu vou trazer agora...

K.D. - E pela senhora ser professora da Escola Superior de Educação Física, se tornava uma figura mais em evidência. Alguma vez isso gerou comentários na família ou na sociedade, sobre vocês professoras?

Q.P. - Não, nunca! Jamais! Isso aí não influenciou nada, ser professora ou não. Não influenciou nada na minha vida particular.

K.D. - Como eram vistos os exercícios físicos para as moças?

Q.P. - Eu, para ser franca, quando eu comecei a estudar, quando eu estava na Escola, era vista... Não era vista com bons olhos, tanto que eu tinha um namorado que dizia: “Ela é atleta de cozinha”. E, depois disso, quando namorava um ou dançava, eu escondia, não

dizia que era da educação física, porque eles achavam que educação física era masculina, masculinizava. Então eu escondia isso.

K.D. - Mas isso foi só com a senhora ou teve mais casos?

Q.P. - Eu conto da minha parte, mas se isso ocorria comigo, ocorria com as outras também. Eu sempre tive orgulho de ser professora de educação física, porém tinha que... Para os rapazes, eu escondia, porque eles achavam que a pessoa que se dedicava à educação física era masculinizada. O que era um erro, porque a educação física não masculiniza ninguém. Muitas, é verdade, que já tinham, eram meio masculinas, procurava. Daí a idéia deles de...

K.D. - A Escola de Educação Física de alguma maneira centralizou bastante moças que praticavam em clubes, que competiam...

Q.P. - É, exatamente. Nós tínhamos a Sogipa<sup>14</sup> e o União<sup>15</sup> e, essas duas sociedades, eram maravilhosas. Muitas daquelas atletas procuravam terminar o curso - naquele tempo era ginásio - elas procuravam tirar o ginásio para poder fazer o vestibular para a Escola, porque elas já tinham o princípio. Essas eram alunas maravilhosas, tanto que eu fiquei com uma delas para mim, que foi a professora Marlene Rodrigues<sup>16</sup> na época, hoje Marlene Koech. Ela era da Sogipa, inicialmente da Sogipa, atleta. Muitas dessas procuraram a Escola.

K.D. - Em geral de origem germânica?

Q.P. - Exatamente!

K.D. - A colonização germânica em Porto Alegre incentivou muito o culto aos exercícios físicos...

---

<sup>14</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

<sup>15</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>16</sup> Marlene Rodrigues Koeche

Q.P. - Sim, tanto que a Dona Lia Bastian Mayer que, foi convidada para lecionar na primeira turma, ela era formada na Alemanha, formada em dança pela Alemanha. Aqui nós tínhamos pouco e como eu disse, a única Escola de Educação Física que já existia na época, era a Escola de Educação Física do Exército. Foi a que formou esses professores que depois foram nossos professores. Esses militares que depois foram nossos professores.

K.D.- A Escola acabava atraindo pessoas do interior do Estado e de outros Estados então?

Q.P. - Ah, muito! A Escola, todos esses... Porque primeiro tinha um curso só, mas depois abriu um curso para professores, para que as crianças tivessem educação física também. Então esses professores primários vinham. Eles só podiam se matricular no curso infantil. Esse curso infantil era de um ano só e, essas professoras do Estado, vinham tirar esse curso. Muitos militares também tiravam. Era permitido aos militares tirar o curso infantil. Eu mesma ministrei muitos cursos pelo interior do Estado para militares. E esses cursos se realizavam nos quartéis quando desarranjavam os soldados. Então faziam esses cursos e nós éramos convidadas a ministrar. Eu ministrava ginástica infantil, porque era o que os militares queriam, porque eles ministravam aulas nos ginásios, nos grupos escolares no interior do Estado e ganhavam uma percentagem com aquela a mais para isso. E talvez também algum título. Então os militares se interessavam muito. Eu sempre dava aulas para trinta, quarenta. Aulas e cursos rápidos de férias. Esses cursos, um se realizava aqui e era no mês de julho e outro se realizavam no interior do Estado. Eles eram organizados pela antiga CEFAE<sup>17</sup> e em colaboração com os Estados. Lá no interior eles organizavam o curso numa determinada época e nós então íamos todos, vários professores e ministrávamos essas aulas. Ali também haviam duzentas, trezentas pessoas de determinadas regiões. Então sempre havia uma aula só de militares, uma turma só de militares.

K.D. - Poderia se dizer que no período que abriu a Escola, 1940, existia um entusiasmo pela educação física?

Q.P. - Ah, era uma coisa impossível até de se explicar! Havia um grande entusiasmo. Quem se matriculou aquele ano, deu tudo, sangue, suor, tudo pela educação física.

K.D. - A questão da estruturação, da estrutura física da Escola, por que estrutura física a senhora passou no decorrer deste período?

Q.P. - No início a Escola, como eu disse, funcionava em vários lugares. Aulas teóricas eram aqui nessa garagem na João Pessoa, as aulas de Canoagem eram no Parque Farroupilha<sup>18</sup>, as aulas de natação eram no Iate Clube da Tristeza<sup>19</sup>, depois mais tarde, as aulas de natação foram no União e só  *muito* mais tarde, muitos anos mais tarde...

[FINAL DA FITA 86/01-A]

Q.P. - Então, mais tarde também, o governo alugou o estádio do Cruzeiro<sup>20</sup>. Então, uma parte da administração ficava ali e as aulas práticas eram no estádio. Havia o departamento médico, o departamento administrativo e nós tínhamos duas funções: dávamos aula prática e dávamos, permanecíamos... Todos os professores tinham uma função administrativa. Um trabalhava no departamento médico, outro no departamento administrativo. Éramos nós que fazíamos também a parte administrativa. Por muitos anos nós trabalhamos assim. Depois é que... Doze anos depois criaram o quadro dos professores de educação física. Então, aqueles professores que já trabalhavam, ficaram, foram empossados nos cargos que eles já ministravam.

K.D. - Mas e tinham funcionários públicos?

Q.P. - Nomearam funcionários para a parte administrativa, porque só aí é que passou a funcionar como uma entidade, porque antes nós éramos pertencentes a outros setores e ficávamos ali trabalhando. Eu, por exemplo, como era professora primária, fiz concurso, fui nomeada. A maioria das professoras foi assim. Nós fizemos concurso, concurso público e fomos nomeadas para grupos escolares, ficávamos cedidas à Escola de Educação Física e ganhávamos como professoras primárias. Só doze anos depois é que foi criado o quadro de professores da Escola. Então a Escola começou a funcionar como uma entidade pública e

---

<sup>17</sup> Sujeito a confirmação

<sup>18</sup> Parque Farroupilha, doado a cidade em 24 de outubro de 1807 pelo governador Paulo José da Silva Gama

<sup>19</sup> Iate Clube Guaíba, Fundado em 1º de maio de 1871 com o nome de *massinjóia*. Recebe o nome atual em 18 de maio de 1946

nesse caso, nós fomos nomeadas para aquele cargo que nós já estávamos ministrando. Para não perder o outro cargo, quem queria, passou a trabalhar em dois lugares. Aí é que fomos trabalhar no grupo escolar e permanecemos naquele cargo que nós já tínhamos na Escola.

K.D. - Interessante isso!

Q.P. - Os outros não falaram isso?

K.D. - Cada um traz a memória dos fatos que lhe chamou mais a atenção. Então um depoimento nunca é igual ao outro, mesmo falando do mesmo período. A Escola então, num primeiro momento, tinha pouca estrutura? Foi tanto a estrutura física, como esse quadro de professores trazido...

Q.P. - Ela até que não era pouco estruturada, ela tinha toda a estrutura, somente penso que não havia verba suficiente. Então os professores deveriam... Havia um dirigente para cada setor, um médico, uma secretária e etc., para cada setor. Os professores davam aula e voltavam ali. Eles é que faziam essa parte administrativa. Não é que a Escola... O médico, esqueci o nome do doutor, assistia as aulas e dava toda a assistência aos alunos e o primeiro ano forte, que muitos alunos terminaram com... Atacado dos nervos assim, com estresse. Primeiro porque tinham que terminar, era um acúmulo de matéria, porque todas as matérias foram ministradas em um ano só, em dois períodos. Não podia faltar à aula, de maneira alguma, não podia faltar! Era terrível quando o aluno se machucava, porque não podia faltar. Um dia que faltasse era uma grande perda.

K.D. - A senhora foi chefe de departamento posteriormente?

Q.P. - Sim! Os últimos anos fui chefe de departamento.

K.D. - Como foi essa passagem pela chefia do departamento?

Q.P. - Atualmente eu não sei porque estou afastada, mas, no meu tempo, era por eleição. Os outros professores pertencentes àquele departamento elegiam um chefe. Este nome era

---

<sup>20</sup> Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

submetido ao Reitor. Se fosse aceito, ficava. Então eu fui chefe de departamento e também, no último ano, eu dividi o meu tempo entre vinte horas. O chefe de departamento tinha direito a quarenta horas. Então eu passei a ter quarenta horas. Vinte horas eu fazia na Escola de Educação Física e vinte horas eu fazia na Faculdade de Educação, nos últimos anos.

K.D. - E durante o período de estada da senhora na Escola, a senhora deve ter visto alterações no currículo?

Q.P. - Mas a alteração, já te contei, primeiro era unicamente o método francês, mas depois nem mais se falava em método francês, era só esse tipo de classe. E atualmente eu vejo que cada professor dá um título diferente: ginástica isso, ginástica aquilo. Cada um faz o seu método e vai botando um nome. Atualmente, você é que vai me responder! Como é que chamam a ginástica, o tipo de sessão que dão? Não tem mais ginástica geral? A disciplina ginástica geral?

K.D. - Ginástica básica nós temos.

Q.P. - Então, e qual é o método que dão? Nós... Tinha isso, tinha determinados métodos. Eu por exemplo, já te disse, que ia sempre a esses cursos em Santos. Então, mesmo no momento que o professor ia dando a aula, eu ia imaginando como ia ministrar aquilo. Então eu colocava aqueles exercícios dentro da minha sessão. Era isso!

K.D. - Teve também uma mudança no tempo de duração do curso? Inicialmente um ano, depois dois anos...

Q.P. - Ah, sim! Inicialmente foi um ano, penso que só um ano aconteceu isso. Depois foi dois anos e depois três anos! Hoje quantos anos são?

K.D. - Quatro!

Q.P. - E depois três anos. Quando eu saí, eram três anos ainda.

K.D. - Junto à federalização da Escola, mudou alguma coisa no cotidiano de vocês professores, alunos?

Q.P. - Não mudou nada! Absolutamente! Continuamos a dar o mesmo número de aulas, com a mesma forma e com o mesmo entusiasmo.

K.D. - Algumas possíveis dificuldades que a Escola tenha passado, algum período que foi mais difícil para vocês, na Escola? A senhora recorda?

Q.P. - Naturalmente que melhorou muito quando a Escola passou a ter todas as atividades no Jardim Botânico, porque então o professor dava a sua aula e permanecia lá para fazer as reuniões e podia... As aulas práticas, dava a teoria e depois... A teoria dentro de sala de aula e já saía para dar a parte prática ali mesmo. Então facilitou muito para o professor quando fica... Congregou tudo no mesmo local. Então estava... Mas quando a Escola foi federalizada, já estava lá. Já estava no Jardim Botânico.

K.D. - Algumas disciplinas as moças não faziam, é isso?

Q.P. - É! Muitas disciplinas as moças não faziam. Era esgrima, não faziam e...

K.D. - Futebol.

Q.P. - Futebol também não! Embora que já se falasse que era muito necessário, porque a professora, principalmente as professoras do infantil, tinham que dar, ensinar os gurizinhos a jogar futebol. Então como é que elas iam ensinar se elas não sabiam? Já se falava que era necessário que as professoras, principalmente as do curso infantil, aprendessem futebol.

K.D. - Qual era a alegação?

Q.P. - Alegavam que a bola podia bater no seio e que podia determinar tumores e outras coisas. Então não era interessante que as mulheres jogassem futebol, isso que alegavam.

K.D. - E até o período que a senhora saiu da Escola, as moças já...

Q.P. - E até esgrima não havia para as mulheres! Em todo o caso, eu fiz esgrima, e até joguei. O professor de esgrima era o professor Pandolfo<sup>21</sup> e eu aprendi com ele esgrima. Ele era ótimo professor e até entrei em competição em esgrima naquela época. Agora vou ver uns retratos depois vou te mostrar.

K.D. - Até a época que a senhora saiu da Escola, tinha diferenças...

Q.P. - Mas as moças não faziam!

K.D. - Até aquele período?

Q.P. - Não havia para mulheres! Até o período que eu saí, não havia para mulheres!

K.D. - E, entre os professores, vocês debatiam isso, se deveria ter ou não?

Q.P. - É, debatia e todos eram de acordo que as mulheres não deviam fazer futebol. E interessante que eu achava mais bruto o lançamento de peso, achava horrível, sempre tive horror! O lançamento de peso, aquele peso, uma coisa horrível, de ferro. Exigia muito das mulheres, eu achava isso horrível, e, no entanto, havia para as mulheres o lançamento de pesos. Nós tínhamos a lançamento de dardo, disco e peso e, no entanto, futebol achavam que não devia, porque futebol era muito bruto e podia a bola bater no seio e degenerar em tumores.

K.D. - A senhora se lembra em que década mais ou menos havia esse debate?

Q.P. - Ah, já era nos últimos anos. Se eu disse oitenta, lá por setenta. Havia esse debate sim.

K.D. - E em relação...

Q.P. - Porque na época que eu terminei, digamos que foi em oitenta, já havia essa outra idéia que elas deveriam estudar futebol, porque elas tinham que, isso eu também acho, elas

---

<sup>21</sup> Carlos Pandolfo



tinham que lecionar para meninos nos grupos escolares, para que eles pudessem jogar. Se elas não sabiam, como é que elas iam ensinar isso? Então já tinha essa idéia que eles deveriam, e no currículo da Escola também de uma certa época para cá, entrou o handebol, que não havia no início o handebol, quem trouxe esse handebol, foi o professor Camargo<sup>22</sup>, Francisco Camargo. Durante muitos anos ele lecionou handebol, na Escola. Isso foi um aumento no currículo da Escola, que não existia handebol, nem se conhecia e agora, depois que eu saí, tem o futsal, não é? Que também não existia. Agora eles estão ministrando?

K.D. - Sim!

Q.P. - Pois é! Eu sei que, na Ulbra<sup>23</sup>, elas têm. As meninas até tem futsal. Agora é tudo para homens e mulheres, não é? Pois é, as coisas vão evoluindo. Hoje eu acho que todos tinham razão, que as mulheres deveriam aprender o... Agora eu tenho uma sobrinha que é médica e ela fazia lá na Escola, ela fazia futebol. E eu tenho uma neta que é goleira.

K.D. – E, durante o período da ditadura militar, alterou alguma coisa a rotina da Escola?

Q.P. - E se eu te contar uma coisa, tu nem vais acreditar! Diariamente a gente cantava o hino nacional, logo no início e depois, cada turma, como eu já falei, cada turma saía para ter as suas atividades e eu era sempre muito entusiasmada, cantava o hino nacional com a mão no peito. Menina, me chamaram dizendo que eu era Quinta Coluna! Eu nem sabia o que era isso, mas acontece que desde então eu não coloquei mais a mão no peito.

K.D. - E o que era isso?

Q.P. - Quinta Coluna era quem admirava o Hitler<sup>24</sup>, ou admirava o Mussolini<sup>25</sup>, essas pessoas. Quase fui presa! Aí não botei mais a mão no peito [risos].

---

<sup>22</sup> Francisco Camargo Netto

<sup>23</sup> Universidade Luterana do Brasil

<sup>24</sup> Adolf Hitler

<sup>25</sup> Benito Amilcare Andrea Mussolini

K.D. - E a lista 104, quando teve o golpe, que as instituições de ensino eram bastante vigiadas, por causa dos alunos e tal. E a Escola de Educação Física tinha um vínculo militar muito forte.

Q.P. - Mas aos poucos, à medida que foram se preparando professoras, as moças foram ficando na Escola, de professoras da Escola. Então foram substituindo os professores militares e só poucos permaneceram lá, os outros foram sendo recolhidos aos quartéis. No início todos eram militares, mas depois muitos que permaneceram lá, já não eram mais militares. Como é que chama, não é aposentado, tem um outro nome, porque as matérias, quase todas, são médicas. Então, quase todos, eram médicos, militares. Eles deixaram a parte militar, ficaram somente na Escola. Alguns já tinham idade suficiente e deixaram o exército ou a Brigada e ficaram somente com a Escola. Muitos se aposentaram na Escola, mas que eu saiba, podiam até ser militares, mas ninguém era... Eu não me recordo, porque esse negócio de política... Eu nunca me envolvi com política, de forma que eu não me lembro de ter notado alguma diferença. Não, a única coisa é essa que eu te contei da mão no peito.

K.D. - É que hoje a gente está acostumado com mobilizações, paralisações, greves...

Q.P. - Mas, no nosso tempo, nunca teve greve, porque era até muito bom e eu sou contra a greve. De forma que, todo dia, eles entram em greve, eu penso: “Graças a Deus que no meu tempo não havia greve”. Porque então eu ia me ver mal, porque eu sou contra. Eu acho que não deve fazer greve. Eu sei que eles mereciam que se fizesse greve, mas a greve só altera a estrutura do país. Em vez de melhorar, piora. Deveria haver outro tipo de pressão contra as autoridades do que a greve, porque muitas pessoas ficam prejudicadas com essas greves. Eu sou contra isso. Então se no meu tempo houvesse greve... Eu nunca atravessei uma greve. Durante todos esses anos eu não atravessei, porque não havia, foi o tempo da ditadura. Quem é que ia fazer greve? Então nunca houve. Que eu saiba nunca houve greve, se não ia me ver mal com meus colegas. Porque sou contra isso.

K.D. - Mas talvez existisse uma valorização da profissão de professor. Uma valorização um pouco maior?

Q.P. – Eu sempre me satisfiz com o que ganhava e sempre muito contente de trabalhar. Sempre fui muito respeitada. Na minha profissão não teve um senão. Eu me aposentei porque eu precisei para dar uma mão para a minha filha, essa que tu viste. Se não, eu ainda teria trabalhado alguns anos mais.

K.D. – Para entrar na Escola, os alunos prestavam vestibular?

Q.P. – Sim.

K.D. – Desde sempre, desde 40?

Q.P. – Não. Desde de 40, não. Te disse que, em 40, quem quisesse entrava. Só tinha que apresentar um currículo que já tinha trabalhado tantos anos na profissão.

K.D. – E 42?

Q.P. – Aí, verdadeiramente, o vestibular seria o tal exame, que era em julho, no meio do ano. Foi esse. Eliminou muitos que tinham entrado.

K.D. – E para as turmas de 42, 43?

Q.P. – 42 eu não me recordo, mas depois... Corrida de velocidade, 100 metros em tantos segundos. Tinha todas as provas práticas. Quem não passasse nas provas práticas, não passava. E outra coisa, até eu me aposentar, tinha que passar nas provas práticas. Não adiantava passar no vestibular se não passasse nas provas práticas. Tinha que passar primeiro... Olha, houve um ano que *seiscentos* passaram na prova prática e *seis* passaram no vestibular [silêncio] [palavra inaudível].

K.D. - Mas depois no curso mesmo, as disciplinas tinham a prova prática?

Q.P. - Ah, depois tinham! Agora muitos... Havia um cursinho que preparava para prova prática. Os que se interessavam tiravam o cursinho e passavam na prova prática. Estou te

dizendo que um ano seiscientos passaram na prova prática, mas depois quando fizeram o vestibular, passaram seis.

K.D. - A senhora chegou a ver projetos de extensão acontecerem na ESEF?

Q.P. - Sim, eu mesma tirei um curso de extensão, de dança! Esse curso eu acho que durou uns cinco anos mais ou menos e depois, não sei porque que terminou, talvez porque as professoras... Não sei. Terminou esse curso! Mas teve, durante os anos, sempre teve esse curso de extensão. E depois de uns anos, começaram os cursos de pós-graduação. Quando eu era chefe, organizei cursos de massagem, porque nós tínhamos uma professora maravilhosa! Era a melhor da América do Sul, que era uma professora formada na Alemanha e professora, Gertrud Simon. Ela já era aposentada e, para aproveitar os conhecimentos dessa professora, como eu era chefe de departamento, organizei uns cursos de massoterapia.

K.D. - O surgimento da extensão é até recente, não é? A extensão e a pesquisa na Escola? Foi mais recente.

Q.P. - Sim, foi bem mais recente! Já foi nos últimos anos. Foi depois dessa estrutura de departamentos, porque isso foi... A faculdade foi estruturada em departamentos já nos últimos anos que eu... Eu acho que foi na década de 70, 80 que foi estruturada. Ainda tem mais alguma coisa?

K.D. - Dona Quintina, algum fato pitoresco vivenciado na Escola, alguma história que tenha acontecido, que a senhora... Que marcou o período que a senhora esteve na Escola?

Q.P. - Olha, eu te disse que as aulas de natação eram no Iate Clube da Tristeza. Então um ônibus levava as alunas daqui da João Pessoa até lá e depois ia buscar. Numa ocasião, eu fui com um vestido de crepe e caiu uma chuvarada. Quando eu corri para apanhar o ônibus que chegava... O ônibus chegava quase lá, mas tinha um pedaço e a chuva era muito forte, chuva de verão. Corri para apanhar o ônibus, quando vi, me molhei e sentei. Quando eu levantei, o vestido tinha encolhido e aparecia todas pernas, não foi possível eu voltar para casa daquele jeito. Um professor teve que emprestar a roupa para eu poder voltar para casa,

porque o vestido encolheu e subiu. Naquele tempo, as moças não mostravam as pernas com facilidade.

K.D. - Dona Quintina...

Q.P. - Outra coisa também que eu servi de risada para todo...

[FINAL DO DEPOIMENTO]